



## A pontuação e o enunciado: uma perspectiva dialógica

Anderson Cristiano da Silva<sup>1</sup>

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP)

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo discutir a ação dos sinais de pontuação e a influência deste conteúdo na constituição de sentidos no texto midiático impresso. Assim, para efeito de análise, utilizamos um corpus constituído de um artigo opinativo do colunista Clóvis Rossi (Folha de S. Paulo) tendo como referencial teórico-metodológico alguns pressupostos bakhtinianos, principalmente a dialogia constitutiva da linguagem. Especificamente nesta pesquisa, discutimos o emprego dos parênteses, sendo considerados marcas relevantes na interação entre (inter)locutores. Confirmando nossa hipótese, observamos que a pontuação contribui também para revelar traços de subjetividade, bem como as propriedades dialógicas do enunciado.

**Palavras-chave:** sinais de pontuação, viés bakhtiniano, constituição de sentidos.

**Abstract:** This work aims to discuss the action of punctuation marks and the influence of this content in meaning of mediatic printed text. Thus, for analysis effect, we used a corpus consisted of Clóvis Rossi's newspaper article (Folha de S. Paulo) having as theoretical-methodological references some Bakhtin's principles, mainly the constitutive dialogic of language. Specifically in this research, we argue the use of brackets, being considered excellent marks in the interaction between speaker and interlocutor. Confirming our hypothesis, we observe that punctuation also contributes to reveal subjectivity traces, as well as the dialogic properties of the utterance.

**Keywords:** punctuation marks, bakhtinian bias, meaning.

---

<sup>1</sup> andcs23@ig.com.br



## 1. Introdução

Verificamos em nossa prática docente que muitos educandos não têm uma compreensão fundamentada sobre o emprego dos sinais de pontuação. Percebemos também que o ensino e aprendizagem deste conteúdo ainda continuam atrelados apenas a funções de ordem sintática associadas às prescrições dos manuais de gramática ou livros didáticos; que valorizam as inúmeras regras e não conseguem abarcar a presença dos sujeitos da enunciação, sujeitos esses que constroem o enunciado a partir das constituições subjetivas.

Sob outro aspecto, percebe-se uma dualidade no discurso presente na escola referente ao ensino e aprendizagem dos sinais de pontuação, uma vez que nos parece não haver um ensino eficaz para este tópico gramatical, tampouco a difusão de novas maneiras para se trabalhar com este conteúdo. A relação da pontuação com as nomenclaturas sintáticas não parece tão produtora, pois antes de aprender a pontuar, seria necessário um domínio maior das estruturas sintáticas, estando um assunto ligado ao outro.

Se não houver um trabalho de esclarecimento sobre a importância deste conteúdo para a constituição de sentidos, os educandos ficam fadados a pontuarem sem nenhum parâmetro, dessa maneira, recorrem à intuição ou às regras pouco ortodoxas. Desse modo também, a perpetuação deste tipo de prática ratifica nossa proposta de investigação, pois procuramos desvincular a ideia do ensino e aprendizagem da pontuação única e exclusivamente por regras prescritivas ou nomenclaturas de ordem sintática (SILVA, 2009).

Na tentativa de deslocar o enfoque desta prática, resolvemos trabalhar em uma perspectiva enunciativo-discursiva, trazendo um exemplo da linguagem em uso e, para tal finalidade, escolhemos utilizar um artigo opinativo da esfera jornalística veiculado em uma mídia impressa de grande circulação (*Folha de S. Paulo*). Ademais, soma-se o papel social da esfera midiática e sua importância na formação de leitores fluentes e críticos, uma vez que proporciona um material muito rico para investigação da linguagem em funcionamento, bem como os sentidos advindos da interação entre (inter)locutores.

Junto com o desenvolvimento dessa nova proposta em olhar os sinais de pontuação, nosso desafio é destacar a relação dialógica que os enunciados mantêm com o momento sócio-histórico e as possíveis atitudes responsivas engendradas na inter-relação entre locutor e público leitor, também a partir da pontuação existente na superfície textual. Isso posto,



espera-se ampliar os horizontes sobre o emprego da pontuação a partir da perspectiva discursiva proposta por Bakhtin.

## 2. O dialogismo e outros preceitos como subsídios para uma análise enunciativo-discursiva

Ao elencarmos trabalhar com uma análise de excertos provindos da mídia impressa, a teoria bakhtiniana revela-se adequada a este procedimento. Com efeito, faz-se pertinente uma breve revisão sobre quais pressupostos teóricos iremos nos ancorar no desenvolvimento desta investigação.

Assim, na obra de Bakhtin (1997, 2003), percebemos a tentativa de relacionar explicitamente a linguagem e a sociedade, considerando o signo como produto da interação social. Por sua vez, as ideias do teórico russo vêm somar com nosso ponto de vista sobre o trabalho com a pontuação numa abordagem dialógica, pois a visão bakhtiniana apresenta-nos o viés discursivo como um dos caminhos para análise dos enunciados em circulação.

Além disso, cabe-nos citar duas questões que envolvem as análises de nossa pesquisa e que fazem parte de todo enunciado: o tempo e o espaço. A complexa relação que se estabelece na interação verbal requer um acabamento que só pode vir do exterior através do olhar do outro, mas a “ponte” que liga os (inter)locutores materializa-se em outro tempo/espaço.

Existe uma analogia quase total entre significados das fronteiras temporais e espaciais na autoconsciência e na consciência do outro. O exame fenomenológico e a descrição do autovivenciamento e do vivenciamento do outro, tendo em vista que a genuinidade dessa descrição não é turvada pela inserção de generalizações e leis teóricas (em linhas gerais, o homem é uma equação do *eu* e do *outro*, um desvio em face das significações axiológicas), revelam nitidamente a diferença essencial que tem o significado do tempo na organização do meu autovivenciamento e do vivenciamento do outro por mim. O outro está mais intimamente ligado ao tempo (não se trata, claro, do tempo elaborado pela matemática nem pelas ciências naturais, pois isto subentenderia uma generalização correspondente do homem), está por inteiro inserido no tempo como o está inteiramente no espaço, no vivenciamento dele por mim nada perturba a temporalidade contínua de sua existência. Eu não estou para mim mesmo inteiramente no tempo, mas “minha maior parte” é vivenciada intuitivamente por minha própria pessoa fora do tempo, eu disponho de um apoio imediatamente dado no sentido. (BAKHTIN, 2003, p. 99-100)



Nesse contexto, Bakhtin vem nos trazer a noção de cronotopia (tempo) e exotopia (espaço), cujos conceitos são imprescindíveis para se compreender um *corpus* pelo viés bakhtiniano. Quando se propõe analisar a constituição de sentidos através da pontuação, ao mesmo tempo, considera-se também o acabamento do enunciado. Este acabamento é um ato no qual tempo/espaço são fatores pertinentes da relação entre os participantes do discurso.

Sob esta perspectiva, a interação social dá-se de diferentes maneiras e se pensarmos no caso da relação entre signos linguísticos e sinais de pontuação, esses são elementos constitutivos do texto impresso e possuem uma grande importância na constituição dos sentidos. Assim, percebe-se a construção dos sentidos através da materialidade linguística, pois “tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal” (BAKHTIN, 1997, p.42).

Consoante aos preceitos de Bakhtin, esta pesquisa tratou dos esquemas de comunicação verbal de forma a privilegiar a interação existente neste processo, considerando o papel ativo dos (inter)locutores no fluxo verbal.

A propósito de nossas discussões, podemos pensar que um artigo opinativo que tem grande circulação na sociedade é passível de inúmeras leituras, tendo em vista que os interlocutores podem atribuir tons valorativo-emocionais diferentes dependendo das escolhas lexicais do locutor, bem como inferir que as escolhas por determinada pontuação influenciam, da mesma maneira, na compreensão e recepção do enunciado. Com efeito, “cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo; é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural” (FARACO, 2009, p.59).

Esta atitude dialógica pode ser considerada em ambos os casos: tanto na ação verbal oral, em que os falantes estão presentes, como no caso do discurso escrito em que os interlocutores estão separados por um suporte de comunicação. Em ambas as ocorrências, há uma complexa rede interacional, pois as vozes verbais constitutivas de dos sujeitos se entrelaçam para dar acabamento ao enunciado.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente



responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2003, p. 275)

Em consonância com tais colocações, o entendimento do dialogismo encontrado na obra de Bakhtin é um dos conceitos-chave que contribui para nossa pesquisa. Apesar dos estudos bakhtinianos concentrarem-se nos textos literários, sua visão dialógica de linguagem vem corroborar na compreensão do relacionamento existente entre os textos, dos quais a pontuação é parte intrínseca. Resumidamente, pode-se dizer que o dialogismo constitui-se como um dos elementos unificadores do pensamento bakhtiniano, com este conceito funda-se a propriedade dialógica da língua (FIORIN, 2006).

Segundo Barros (1994), só se pode apreender o dialogismo como algo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. Para Bakhtin, o sujeito é visto como sujeito discursivo, pois é formado pelos discursos, nos quais estão presentes diferentes vozes sociais. Quando se escreve, o locutor tem dentro de si a imagem do outro e por isso ele escolhe a palavra e até mesmo o tipo de pontuação que atingirá seu leitor. Este processo parece ser algo inconsciente, mas ao construir ideologicamente seu discurso, o sujeito-autor pauta-se pela alteridade, imaginando uma atitude responsiva de seus prováveis leitores (BAKHTIN, 2001).

Isso posto, ao analisarmos os efeitos de sentido em um texto opinativo, temos que levar em consideração a questão dialógica, uma vez que compreendemos como parte inerente a todo o enunciado. Além disso, se pensarmos que o texto presente nos jornais exhibe julgamentos de valor e matizes de tons diferentes (VOLOSHINOV, s.d.), é necessário considerar também a situação extraverbal que envolve os enunciados a partir dos índices discursivos, dos quais ressaltamos o uso da pontuação.

### **3. O texto midiático impresso sob à luz da análise dialógica do discurso**

Analisar textos de comunicação é uma atividade complexa, pois requer um embasamento teórico-metodológico cuja finalidade é a leitura crítica. Essa habilidade deveria ser uma característica de todo leitor, principalmente de educadores de língua materna. Nessa abordagem, o emprego da pontuação é um elemento importante para a constituição de sentidos, pois aparentemente não há um único sentido para o enunciado e é necessário que o interlocutor reconstrua alguns processos para interagir com o momento de enunciação.



A partir da constatação de que não existe uma objetividade absoluta nos textos impressos, mas verdades aproximadas, cabe ao pesquisador o trabalho de fornecer subsídios instrumentais para pesquisas que tratam das manifestações linguístico-discursivas. Assim sendo, este trabalho insere-se numa perspectiva teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme os preceitos de Bakhtin. A partir desse fio norteador, propomo-nos explicitar a contribuição de alguns conceitos bakhtinianos para a pesquisa nas ciências humanas (AMORIM, 2004) e as análises que nos dispusemos a fazer. Com efeito, a ADD nos ampara no sentido de compreender a constituição e funcionamento do discurso e da subjetividade inerente a todo enunciado, ampliando assim nossa percepção sobre os textos de mídia impressa.

Desse modo, se pensarmos no processo de escrita, tanto na redação de um artigo opinativo quanto de qualquer outro gênero, temos associada à voz de um outro. Por existir o princípio da responsividade, há também a possibilidade de mudança de sentidos e a observação das diferentes vozes que compõem o texto.

Por conseguinte, quando deixamos nossa linguagem no papel e com ela a pontuação, estamos já pensando em um outro (o que nos remete também ao conceito de atitude responsiva). Esse outro é essencial em nossa pesquisa, pois se pensarmos na constituição de sentidos, temos que creditar o ato de intelecção à interação entre os participantes do discurso.

Além disso, as concepções engendradas pelo Círculo bakhtiniano foram essenciais para o desenvolvimento no campo das ciências humanas, principalmente na área da linguística, pois a visão que se tinha da língua (como instrumento) foi alterada com a inserção de novos conceitos dentro deste campo de estudo (OLIVEIRA, 2002), no qual podemos citar as concepções de ideologia e dialogismo.

Ao discutirmos a constituição de sentidos que os sinais de pontuação podem causar no texto, temos que considerar que os signos linguísticos não são apenas instrumentos, mas fazem parte de um processo dialógico que são permeados pela ideologia, além de considerar o sujeito que também é um elemento importante na análise do discurso.

Especificamente sobre nosso material de investigação, o *corpus* desta pesquisa constitui-se de um artigo opinativo retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, ademais, a escolha por textos deste jornal justifica-se por sua importância no contexto nacional, sendo considerado um dos maiores periódicos do país.





Sob outro aspecto, o estudo de textos midiáticos compreende o reconhecimento do caráter material e simbólico no qual eles estão inseridos, além disso, requer a reflexão da mutabilidade espaço-temporal a partir do deslocamento enunciativo.

É precisamente por que a inconclusibilidade e a maleabilidade são inerentes às personalidades vivas, aos acontecimentos cotidianos e aos parâmetros espaço-temporais que a realização (não o reconhecimento, não a descoberta, mas precisamente a realização) de uma totalidade é tão indispensável – e, portanto, carregada de responsabilidades. A totalidade de qualquer coisa só pode ser observada de uma posição que lhe é exterior no espaço e posterior no tempo. Mas, dado que uma totalidade pode ser percebida de uma infinidade de ângulos diferentes (e cada uma dessas percepções só será plenamente reconhecido como tal por “aquele que a conclui”), o sentido da totalidade é sempre “atribuído” e não decretado ou revelado. (EMERSON, 2003, p. 267-8)

Corroborando com o excerto acima, como é de consenso, a aceitação ou não de determinado discurso depende da constituição subjetiva, uma vez que “nossas respostas à mídia, tanto em particular como em geral, variam por indivíduo e segundo os grupos sociais de acordo com sexo, idade, classe, etnia, nacionalidade, assim como ao longo do tempo” (SILVERSTONE, 2002, p. 27).

A interação entre os participantes do discurso passa pelo suporte midiático e isso abre margem para desvios de sentido, pois representa refletir sobre a composição subjetiva de cada indivíduo e a opacidade dos meios pelos quais o enunciado circula. Neste questionamento sobre a mídia, os meios de comunicação de massa representam um espaço onde os significados não são estáveis, pois os enunciados são transpostos e isso acarreta alteração na constituição de sentidos.

De acordo com estas observações, pode-se concluir que a informação não está correlacionada unicamente à intenção do locutor, nem tampouco pelo interlocutor, mas resulta de uma co-intencionalidade que desponta nos enunciados os efeitos desejados, possíveis e produzidos. Além disso, a interpretação é um fenômeno social e, como tal, deve ser analisado com critério, pois abarca a linguagem manifestada dentro de um determinado gênero e de uma determinada condição sócio-histórica.

Mesmo quando se tenta fazer um texto transparente e objetivo, a escolha do léxico e da própria pontuação já denota um tipo de posicionamento subjetivo frente a um assunto, uma vez que somos seres de linguagem, estamos submetidos às ideologias e também somos atravessados por diferentes vozes, o que nos constitui como sujeitos heterogêneos.



Quando se imagina um texto que terá uma grande circulação, há de se esperar que haja a construção de diferentes sentidos, pois “a informação midiática fica prejudicada porque os efeitos visados, correspondentes às intenções da fonte de informação, não coincidem necessariamente com os efeitos produzidos no alvo” (CHARAUDEAU, 2006, p.59).

Como o enfoque de análise deste trabalho é um artigo opinativo publicado na *Folha de S. Paulo*, interessa-nos discutir sobre as características do ambiente midiático que envolvem este enunciado. No que tange ao estudo deste gênero, os textos opinativos impressos e divulgados pela *Folha de S. Paulo* possuem um histórico editorial e marcas ideológicas que influenciam o perfil de seus assinantes e leitores. Os articulistas deste periódico também são constituídos por estas implicações, o que se revela pela subjetividade presente na materialidade linguística.

Nesse ponto, os sinais de pontuação também podem revelar traços de subjetividade, pois a escolha por determinado sinal não depende apenas das normas instituídas, mas estão ligadas às escolhas estilísticas de cada indivíduo. Seguindo este raciocínio, observamos também que os manuais que regem a maneira de escrever dos grandes periódicos não dão conta da dinâmica em que a língua materna é proferida e, nisso, incluímos as possibilidades de pontuação que um texto pode apresentar.

A partir destas afirmações, acreditamos que também muitos jornalistas e pessoas que trabalham com a mídia impressa sintam esta dicotomia em aceitar passivamente a prescrição dos manuais de redação. Mesmo no caso de uma aceitação das regras, o texto constitui-se também a partir da subjetividade de cada indivíduo.

Em contrapartida, segundo o manual da *Folha* (1987), os colaboradores do jornal devem poupar trabalho ao leitor, tentando deixar o texto o mais claro possível, sem imaginar, supor ou julgar um conhecimento prévio que o leitor possa ter sobre o assunto em discussão. Mesmo com esta intenção padronizadora, existem elementos que escapam a qualquer prescrição de manuais de redação e é sobre este aspecto que nos propomos a refletir em nossa pesquisa.

O manual de redação da *Folha* admite também a inexistência de uma objetividade em textos jornalísticos, pois reconhece a presença da subjetividade no processo de criação, tendo em vista que “ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções” (FOLHA DE S. PAULO, 1987, p. 34). De outro modo, o periódico orienta os colaboradores a





procurarem uma objetividade possível através de vários procedimentos, dessa forma, o possível não significa uma objetividade absoluta, mas uma busca por ela.

Considerando todo este contexto sócio-histórico citado é que nos dispusemos a centrar nosso discurso no emprego da pontuação e uso específico desse recurso textual no texto opinativo veiculado em mídia impressa.

#### 4. Reflexões sobre o uso dos parênteses

Após discorrermos sobre o embasamento teórico-metodológico que ancora esta pesquisa, achamos por bem explicitar algumas concepções que se creditam aos sinais de pontuação. O que devemos notar na pesquisa em questão é que a preocupação de nosso estudo não são as regras normativas, mas uma análise que tenta dissociar a pontuação dos atos de comunicação. Dahlet confirma este pensamento dizendo que “pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê” (2006, p. 24).

De igual modo, na investigação que nos propusemos a fazer, acreditamos que para alcançar certo domínio sobre as regras de pontuar há necessidade das pessoas reconhecerem a importância que os sinais de pontuação exercem em toda estrutura textual e na constituição de sentidos. Além disso, “Nem tudo se pode ensinar em matéria de pontuação, exatamente porque ela tem muito de pessoal, de gostos, de predileções” (LAURIA, 1989, p.2).

Sob o enfoque normativo, Cegalla (2000) define ser tríplice a finalidade dos sinais de pontuação. De acordo com este autor, a pontuação serve para: assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura; separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas; esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade. No entanto, não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação, não sendo possível traçar normas rigorosas sobre o conteúdo.

De maneira diferente, podemos encontrar outra definição que a pontuação recebe. Conforme descrição de um dicionário gramatical, a pontuação é concebida como:

Sistema de sinais gráficos que serve, entre outros, para: 1. marcar as diversas modalidades de entonação da língua oral. 2. marcar a intenção do autor. 3. orientar o leitor, na língua escrita, no relacionamento entre frases, períodos e o texto como um todo. 4. separar no discurso direto e no diálogo as falas do narrador e/ou do(s)



personagem (ns). 5. separar e/ou realçar palavra, expressão, frase. (GIACOMOZZI et al., 2004, p.229)

Observando o enfoque sobre o conteúdo, pode-se observar a preocupação com outras questões que remetem diretamente sobre a constituição dos sentidos apresentando assim diferenças com relação à outra gramática exposta anteriormente.

As perspectivas apresentadas (CEGALLA, 2000; GIACOMOZZI et al., 2004) confirmam que os sinais de pontuação ainda continuam sendo vistos atrelados estritamente por orientações prescritivas, muitas vezes complexas, o que acabou resultando numa aprendizagem improdutiva e ineficaz.

Por fazer parte do discurso, a pontuação é um instrumento importante, uma vez que agiliza a compreensão de acordo com o que o autor pretende dizer, além disso, os sinais de pontuação dão ritmo ao texto e permitem a fluidez na leitura. O que nos preocupa é a falta de importância que se dá aos sinais de pontuação, pois eles estão presentes em todo texto escrito e representam algo fundamental para a constituição de sentidos. Corroborando com este raciocínio, a pontuação pode ser considerada como:

Instrumento ou agente do ritmo, do poder, do silêncio em todas as suas dimensões, a pontuação resiste, reclama que se escreva sua história, que se precisem as táticas; que se mostrem como suas nuances são constituidoras de toda interrogação sobre a língua. (DURRENMATT, 2000, p.3, tradução nossa)

Segundo Durrenmatt, “a pontuação causa medo por estar presente em tudo e também por sua aparente insignificância” (2000, p.3, tradução nossa). Esse pensamento permite-nos refletir sobre a onipresença dos sinais de pontuação no texto escrito, pois a aparente insignificância não se faz correspondente, como ressaltamos até aqui.

Consoantes ao exposto até aqui, pretendemos trazer à tona a discussão sobre as nuances de tom pelo uso da pontuação na língua escrita, limitando-nos a refletir sobre os parênteses. Ratificando nossa predileção, como há uma complexidade no uso das diversas pontuações, restringimo-nos a discutir com mais acuidade os efeitos de sentido proporcionados pela presença dos parênteses no fio do discurso.

Sobre o uso dessa pontuação, encontramos apenas duas recomendações, uma relacionada ao uso para isolamento de palavras, locuções ou frases intercaladas no período; outra, relacionada à possibilidade de substituição da vírgula ou do travessão (CEGALLA, 2000).



Já em Giacomozzi et al. (2004), encontramos quatro orientações para o emprego dos parênteses: 1) a separação de elementos intercalados do restante da frase; 2) a marcação, no teatro, do que o ator deve fazer; 3) a inserção de citações; 4) indicação que a palavra ou frase foi escrita ou proferida daquela forma, contrariando a norma culta ou a opinião do escritor.

Considerando que parênteses são sinais de pontuação “relativamente fáceis” em sua utilização (se comparados a outros sinais de pontuação), observa-se que a definição dada em manuais de gramática não conseguem abarcar toda a funcionalidade deste sinal. Nesse sentido, Laurens explicita-nos que os parênteses são uma das maneiras de representar a essência de um escritor e sua subjetividade, delegando a estes sinais a forma figurada de alma do texto. De acordo com a autora:

Os parênteses compreendem tudo o que ainda não foi dito (ou tão mal), tudo o que não corresponde ao sentido, tudo o que é necessário ir buscar longe, atrás das aparências. Os parênteses, como as palmas em volta de um rosto amado, inserem então o que conta mais que tudo: a imaginação, o desejo, o humor, o inconsciente, o inusitado. (LAURENS, 2000, p. 231, tradução nossa)

Nesse aspecto, os parênteses (d)enunciam a aparente homogeneidade do texto, porque “penetram na fala em um sentido mais profundo, mais verdadeiro, mais justo; rompendo a aparente facilidade da linguagem, eles fazem surgir o que não se esperava, mas, ao qual se dá valor: um sopro de ar, uma respiração nova” (LAURENS, 2000, p.231, tradução nossa).

Assim, os sinais de parênteses vêm contribuir para a percepção da subjetividade inerente à materialidade linguística, podendo ser comparado a um órgão do corpo humano que trabalha em harmonia com outros órgãos para manutenção da vida.

Eles se abrem e se fecham, de fato, tais como pulmões em atividade, alimentando o pensamento que ameaçava enfraquecer-se; eles injetam ao texto o oxigênio necessário à sua densidade – a dúvida, a hesitação, o detalhe: o parêntese é a apoteose da nuance, aqui está sua força e seu gênio. (LAURENS, 2000, p. 231, tradução nossa)

Dessa forma, uma das funções dos parênteses está na capacidade que eles têm de dar liberdade à escrita, possibilitando explicitar hesitações, informações fora do texto ou mesmo indicando modos de sentir e perceber os fatos sem comprometer a objetividade do texto em si.



Sob este aspecto, é fato que o enunciador também trabalha seus pontos de subjetivação através dos sinais de pontuação. Nesse caso, as marcas deixadas por este recurso da língua deixam transparecer a incompletude da linguagem e os tons valorativo-emocionais.

## 5. Análise do *corpus*: o efeito dos parênteses na superfície textual

A partir da exposição teórico-metodológica, utilizamos para esta discussão um artigo opinativo do caderno de Opinião da *Folha de São Paulo* (FSP), cujo autor é o colunista Clóvis Rossi, um renomado formador de opinião desse periódico; além disso, o jornalista, por possuir um espaço fixo nesta mídia (Caderno Opinião), tece periodicamente seu discurso focado nos fatos políticos e econômicos de âmbito nacional e internacional. Ressaltamos também que Rossi é um correspondente de prestígio, pois continuamente é enviado para diversos lugares do mundo no intuito de acompanhar (e reportar) os grandes eventos sócio-políticos que norteiam a economia mundial.

Se pensarmos que determinado suplemento (caderno) da *Folha* atinge um público-alvo específico, o mesmo já não ocorre com tanta homogeneidade no espaço destinado às opiniões. Por ser um local estratégico no jornal, onde se encontram também o editorial e a opinião de outros colunistas e leitores já no início do jornal, acreditamos que o espaço tenha um número muito maior e heterogêneo do que em cadernos que tratam de assuntos específicos, como: economia, esporte ou cultura.

Dito isso, ratificamos que Clóvis Rossi compartilha seu enunciado em um local de prestígio, cujos enunciados atingem um número diversificado de segmentos da sociedade. Dessa maneira, ao elaborar seu texto, Rossi precisa considerar a atitude responsiva dos prováveis leitores de sua coluna, tais como: políticos, intelectuais e os diversos profissionais que se interessam por assuntos da área econômica e política. Além disso, o locutor tem noção que seu poder de influência como formador de opinião o responsabiliza a produzir um discurso mais objetivo e direto.

Nestes enunciados, observa-se que o autor deixa transparecer fragmentos do *ethos* discursivo e os tons valorativo-emocionais na construção do texto, uma vez que algumas pistas no fio do discurso ajudam a evidenciar a presença de outras vozes na materialidade linguística. Dessa forma, ratificamos que a subjetividade é algo inerente a qualquer análise que pretendemos fazer sob o viés bakhtiniano.



Assim, antes da nossa discussão sobre excertos específicos do *corpus*, reproduzimos abaixo o artigo completo de Rossi:

#### AUSÊNCIAS QUE PREENCHEM LACUNAS

**SÃO PAULO** – A Bélgica está sem governo há uns quatro meses. Divergências entre os partidos da francófona Valônia e da flamenga Flandres. Por “sem governo” entenda-se a superestrutura política, o gabinete. O resto funciona.

Os policiais polícam, os impostos são cobrados (ou sonegados) como de costume, os trens chegam e saem mais ou menos no horário, o metrô roda placidamente, tão placidamente que nem catracas tem, continuam à venda em cada esquina os imperdíveis “graufes” (“waffels”, feitos na hora, até fumegam à primeira mordida).

Imagine situação similar no Brasil (calma, “zelites”, não estou falando do atual governo, mas de qualquer governo).

Digamos que o ministro da Fazenda saia e não seja designado substituto. Caem os juros? Depende do Banco Central, que já mostrou que não dá a menor bola nem para o presidente, quanto mais para um subordinado como o ministro.

E as exportações, aumentam ou diminuem? Vale lembrar o óbvio: governos não exportam; empresas exportam. Logo...

Digamos ainda que o ministro da Saúde tire férias de uns três anos. Aumenta o número de mosquitos da dengue? Não depende dele, diz a propaganda do próprio governo, mas de todos nós. Logo...

Sai o ministro de Minas e Energia. Ah, já saiu faz tempo e não foi substituído? Então deixa pra lá.

Sem governo, o Corinthians sai da zona de rebaixamento? Depende do Lulinha, não do Lula (Lulinha o jogador, não o filho do presidente).

Ah, tem um quesito em que governo é de fato decisivo: sem governo, o senador Renan Calheiros teria sido cassado.

Se é assim, um brinde para a Bélgica, até porque, com ou sem governo, continua fabricando e vendendo 717 marcas de cerveja. Mas beba com moderação que amanhã é segunda, tem governo, tem dengue e tem juros.

ROSSI, Clóvis. **Ausências que preenchem lacunas**. Caderno de Opinião. A2. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 out. 2007.

Antes de fazer qualquer reflexão sobre a relação existente entre os signos linguísticos e os sinais de pontuação, fazem-se necessárias a contextualização temática e as condições de produção que envolvem o discurso. Em termos gerais, Rossi discorre sobre a continuidade e fluidez do serviço público na Bélgica, mesmo sem um governo fixo. Lá, todos os serviços funcionam normalmente. Em contrapartida, o autor propõe imaginarmos a mesma situação, só que no Brasil.

Ao relacionar a situação política da Bélgica e do Brasil, o autor explicita que mesmo com a desestrutura política existente na Bélgica (por um período de quatro meses), o país





continuou funcionando normalmente. Já no Brasil, a superestrutura governamental representaria algo que emperra o país de se desenvolver como no primeiro mundo.

No mesmo caderno em que o artigo está vinculado, observam-se também temas importantes para debates, tais como: violência da desigualdade e fontes de energia. Estes assuntos, discutidos por pessoas de destaque no meio acadêmico e político, corroboram no prestígio deste espaço no jornal. Visto que também neste caderno são noticiados diariamente os principais fatos do Brasil e do mundo.

Pontualmente sobre os assuntos que foram noticiados junto ao artigo opinativo do articulista, verificamos temas relacionados a irregularidades e ações políticas que emperram o desenvolvimento da nação, fatos estes que dialogam com a opinião explicitada por Clóvis Rossi. Dentre estes fatos, chamamos a atenção para o fortalecimento de blocos políticos com interesses próprios, como o caso da bancada ruralista no congresso, além disso, a falta de fiscalização e as irregularidades nos gastos do governo ratificam e nos fazem refletir sobre a eficiência do governo brasileiro.

Em contrapartida, na mesma edição do caderno, na parte que se refere aos assuntos internacionais, verificamos a informação sobre a troca de membros-chave do partido comunista no Congresso da China. Essa atitude mostra a preocupação do governo chinês em solidificar sua administração, restabelecendo o grau de compromisso necessário entre as diferentes facções da legenda para governar o país.

Dessa forma, o interlocutor de Rossi, ao relacionar a temática do artigo com as demais notícias veiculadas no dia, pode ratificar dialogicamente a tese do jornalista sobre a maior competência de gestores internacionais, frente aos políticos brasileiros que comandam áreas estratégicas da nação.

A partir desse contexto, esta análise objetiva discutir particularmente a presença dos parênteses como elementos que possibilitam observar a constituição de sentidos. Dessa maneira, pelas escolhas lexicais e juntamente com a pontuação que acompanha o discurso de Rossi, pode-se perceber a manifestação subjetiva que envolve o artigo e influencia na constituição de sentidos.

Antes de entrarmos propriamente na análise dos parênteses, gostaríamos de discorrer sobre um fato que nos chamou atenção. Já no início do artigo, verificamos uma relação dialógica explícita entre o título e o corpo do texto, uma vez que o locutor utiliza as reticências para dialogar com o título do texto (Ausências que preenchem lacuna), desvelando um





silogismo inconcluso. Dessa maneira, essa relação entre os signos (linguísticos e ideográficos) manifesta a dinâmica da concepção bakhtiniana de responsividade, pois os sinais de pontuação contribuem na construção dos efeitos de sentido. Esta percepção da atitude responsiva é um ponto importante em nossas reflexões, uma vez que nos auxilia a compreender o caráter interativo existente na materialidade discursiva.

Assim sendo, ao elaborar o artigo, o autor termina dois parágrafos consecutivos utilizando as reticências, fato inusitado para este tipo de texto. Para ilustrar esta construção enunciativa, vamos refletir separadamente cada um dos excertos:

(a) E as exportações, aumentam ou diminuem? Vale lembrar o óbvio: governos não exportam; empresas exportam. Logo...

(b) Digamos ainda que o ministro da Saúde tire férias de uns três anos. Aumenta o número de mosquitos da dengue? Não depende dele, diz a propaganda do próprio governo, mas de todos nós. Logo...

No primeiro caso, quando o autor escreve (Logo...), a presença das reticências remete-nos a uma atitude responsiva que o locutor quer provocar intencionalmente. Rossi não conclui seu raciocínio, mas da forma que estrutura seus argumentos, leva o leitor a pensar na importância do governo para a cadeia produtiva. Do mesmo modo, no segundo parágrafo finalizado com as reticências, observa-se na trama linguística a intencionalidade de refletir sobre a responsabilidade dos órgãos nacionais e seu papel junto à população.

Como vimos, a pontuação é um recurso importante para a construção enunciativa, porém, como nosso enfoque não é analisar todos os sinais de pontuação, continuaremos a discutir mais especificamente o uso dos parênteses.

No texto de Rossi, no momento em que ele começa a dar exemplos do funcionamento eficaz da Bélgica sem uma superestrutura política fixa, observa-se a utilização dos parênteses em duas situações no mesmo parágrafo:

(c) Os policiais policiam, os impostos são cobrados (ou sonegados) como de costume, os trens chegam e saem mais ou menos no horário, o metrô roda placidamente, tão placidamente que nem catracas tem, continuam à venda em cada esquina os imperdíveis “gaufres” (“waffels”, feitos na hora, até fumegam à primeira mordida).



Como sabemos, os parênteses são sinais de interação entre os interlocutores e também possuem uma função semântica no discurso, permitindo-nos observar as variações de tom. Nesse sentido, na primeira ocorrência dos parênteses, a expressão “ou sonegados” já é um pressuposto existente, pois quer relembrar que também na Bélgica há cobranças e sonegações de impostos. Rossi estabelece uma relação dialógica, tentando reavivar a memória cultural do interlocutor.

Sob estas condições, considera-se o termo “ou sonegados” como uma expressão de destaque, uma vez que ao ser envolto pelos parênteses, estabelece uma duplicidade de leitura e impede um único modo de constituir os sentidos.

Dessa forma, ao estar destacado pelos parênteses, o sintagma acaba influenciando na atitude responsiva do interlocutor. Ao discorrer que “os impostos são cobrados (ou sonegados) como de costume”, Rossi sinaliza um tom irônico ao referir-se a costumeira prática de sonegação de impostos, carregando seu enunciado de juízos de valor e emoção.

Esse acabamento valorativo-emocional remete ao interlocutor sua bagagem histórica, permitindo ou não sua adesão ao posicionamento adotado pelo locutor. Partindo dessa afirmação, o enunciado entre parênteses estabelece uma unidade de comunicação verbal heterogênea, com efeito, pode-se dizer que na constituição de sentidos, a relação mútua entre escritor e leitor estabelece uma complexa rede de interação no texto.

Retomando o mesmo parágrafo de análise, na segunda ocorrência dos parênteses, observamos que o locutor utiliza-os para explicitar o nome de um lanche existente na Bélgica: “continuam à venda em cada esquina os imperdíveis ‘gaufres’ (‘waffels’, feitos na hora, até fumegam à primeira mordida)”. Nesse caso, o autor, além de deixar claro o que são *gaufres*, também explica a maneira como são feitos.

Nesta utilização dos parênteses, Rossi também dialoga com o interlocutor, pois traz uma explicação de sua bagagem histórica, colocando experiências pessoais para contextualizar seu texto e persuadir seus prováveis leitores. Nesse ponto, há um apelo à percepção gustativa visual, pressupondo um leitor também sensível a este apelo, a relação dialógica se estabelece nessa pressuposição partilhada em relação à cultura gastronômica. Assim, o autor ao antecipar a atitude responsiva de seu interlocutor, considera não ser de conhecimento comum este tipo de lanche vendido nas ruas da Bélgica.



Diferentemente do primeiro termo destacado entre parênteses, este enunciado remete-nos a um tom valorativo-emocional mais intimista, uma vez que ao compartilhar as experiências vividas pelo enunciador-pessoa, o enunciador-autor quer criar um laço de intimidade com seu leitor. Estes parênteses utilizados por Rossi têm a característica essencialmente bakhtiniana de estabelecimento da dialogia com os seus leitores, antecipando possíveis desconhecimentos por alguns e fornecendo-lhes informações adicionais. O efeito de sentido possibilitado pelos parênteses é o de aproximação com os leitores.

Além disso, esta heterogeneidade revelada pelos parênteses, em ambos os excertos do parágrafo, poderiam ser retiradas sem um grande prejuízo para os sentidos, mas no momento de enunciação o autor achou pertinente a colocação destes excertos tendo em vista as condições de espaço/tempo dos participantes do discurso.

Observando outro caso, no terceiro parágrafo do artigo, Rossi estabelece uma relação dialógica mais direta com seus leitores, antecipando uma provável reação: “Imagine situação similar no Brasil (calma, “zelites”, não estou falando do atual governo, mas de qualquer governo)”. Nesta situação, o autor não estabelece uma explicação, mas enuncia através de um discurso direto uma provável interpretação que seus leitores possam ter frente às afirmações colocadas no texto opinativo. No fio do discurso, percebe-se que o colunista antecipa os possíveis julgamentos de valor de seu enunciado. Nessa situação, verificamos um tom de resguardo no qual Clóvis Rossi tenta preservar sua face frente aos prováveis julgamentos de seu artigo.

De outro modo, ao comparar a situação política do Brasil com o da Bélgica, temos que considerar o momento sócio-histórico em que a atual administração federal é controlada pelo partido petista. Nesse sentido, para não (d)enunciar sua posição política, Rossi se retrata afirmando que suas críticas são para qualquer governo e não apenas para o atual.

Um fato curioso que também nos chamou atenção dentro do excerto marcado pelos parênteses, foi a inserção do neologismo “zelites”. Em uma possível leitura, Rossi poderia ter aglutinado uma palavra conhecida, como “elite”, ao termo intimista Zé. Nesse caso, o termo pode remeter-nos aos compadres, colegas e amigos que são nomeados para chefiar setores estratégicos do governo; também pode estar sinalizando um traço de oralidade as elites (zelites) como “osolhos” (zóios) na linguagem popular, o que nos remete a incorporação de uma outra voz que desabona os atuais mandatários da nação brasileira.



Dessa forma, a ideia de um leitor passivo, como um mero receptor da linguagem não pode ser considerado, uma vez que, na produção textual, há a preocupação com o outro, o que nos remete novamente a concepção bakhtiniana da atitude responsiva. Nesses termos, há o pressuposto de uma resposta de um leitor virtual, o qual se torna parte integrante do discurso.

No exemplo citado, observa-se que a subjetividade também se faz presente pelo uso da pontuação, uma vez que os efeitos de sentido são decorrentes da constituição subjetiva de cada sujeito, pois quem dá e atribui significado nas relações dialógicas são os (inter)locutores.

Na última ocorrência dos parênteses, situado no antepenúltimo parágrafo do artigo, verificamos novamente um tom de resguardo e ao mesmo tempo provocativo no enunciado de Rossi. Quando o colunista escreve: “Sem governo, o Corinthians sai da zona de rebaixamento? Depende do Lulinha, não do Lula (Lulinha o jogador, não o filho do presidente)”, o mesmo cita um time de futebol, no qual um dos torcedores mais ilustres é o próprio presidente da república. Além disso, ao citar o nome do jogador Lulinha, o autor prevê que sua escolha (do nome do jogador) pode remeter ao nome do filho do presidente, que responde também por Lulinha.

Por conseguinte, este excerto demarcado pelos parênteses pode deslocar o interlocutor a refletir sobre os benefícios que os apadrinhados do governo possuem, uma vez que não foi por acaso ou por ingenuidade que Clóvis Rossi colocou o nome desse jogador no artigo.

Para ratificar esta leitura do enunciado, recorremos ao parágrafo subsequente, onde o autor diz: “Ah, tem um quesito em que o governo é de fato decisivo: sem governo, o senador Renan Calheiros teria sido cassado”. Nesse caso, Rossi confirma apenas que uma das funções do governo é resguardar as ações ilícitas e ineficientes de seus correligionários. Com mais este excerto, houve a possibilidade de perceber a importância que a pontuação exerce na constituição de sentidos e também como recurso dialógico no ato de interlocução.

Cabe ressaltar que as discussões levantadas até aqui apontam para um deslocamento na percepção dos sinais de pontuação, porém, por questão de espaço, limitamo-nos analisar apenas um pequeno artigo opinativo. Assim, recomendamos a observação da mesma pontuação em diferentes textos para que o grau de pertinência e adequação das (futuras) análises sejam validadas, o que comprovamos em um trabalho mais amplo desenvolvido em nossa dissertação de mestrado.



## 6. Considerações finais

Na análise apreendida, percebemos que as relações entre os signos linguísticos e os sinais de pontuação podem interferir na constituição de sentidos, dessa forma, a pontuação revelou-se como um recurso dialógico importante. Assim, passa a evidenciar os significados, não só aqueles que o emissor almeja, como também os construídos no processo de interação com os interlocutores.

Considerando o método tradicional de ensino deste conteúdo, percebemos a necessidade e pertinência de uma análise pela abordagem discursivo-enunciativa, fazendo emergir as vozes sociais do emissor e dos possíveis leitores, não só em relação ao contexto imediato, mas também ao leitor virtual. Desse modo, na trama do discurso, a pontuação acaba sendo um indicador da heteroglossia (cf. Bakhtin), cuja aparente objetividade é desvelada pelas diferentes vozes que constituem o evento enunciativo.

Em nosso *corpus*, a observação mais específica sobre os parênteses possibilitou-nos visualizar outras possibilidades de ensino e aprendizagem, além das que são utilizadas tradicionalmente. Esta reflexão permitiu-nos distanciar das regras que apregoam um uso simplista para os parênteses e ao mesmo tempo prescrevem um número de regras excessivas para a utilização das demais pontuações.

Corroborando com a abordagem adotada, o estudo dos sinais de pontuação pelo viés bakhtiniano nos abre margem para um ensino diferenciado para esse conteúdo, dado à vasta contribuição engendrada pelo teórico russo e seu Círculo. Essa perspectiva nos ampara em questões que a gramática não dá conta, como é o caso do emprego da pontuação em textos da mídia impressa.

Nesse ponto, a questão da ironia, do tom, do ritmo e do grau de destaque sobre determinado sintagma está relacionado ao contexto em que o enunciado está inserido, nele também temos que considerar grau de responsividade presente no discurso e também a relação dialógica entre enunciados.

Enfim, é a partir de todas estas estratégias que poderemos iniciar as reflexões sobre a importância da pontuação na relação entre os enunciados e também a constituição de sentidos decorrentes da interação entre os signos linguísticos e os sinais de pontuação.





Finalmente, esperamos ter atingido nossos objetivos de ressaltar o uso da pontuação por caminhos que evoquem a questão do sentido. Nesta perspectiva, pretendeu-se auxiliar na construção de leitores mais proficientes, além disso, almejou-se atingir (futuros) docentes, para que estes possam trabalhar os matizes que os sinais de pontuação exercem no texto escrito.

## Referências

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Freudismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana L. P de; FIORIN, José L. (Org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- DURRENMATT, Jacques. (Org.). *La punctuation*. Besançon: La Licorne, 2000.
- EMERSON, Caryl. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual Geral de Redação*. 2.ª ed. rev. aum. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.
- GIACOMOZZI et al. *Dicionário de gramática*. São Paulo: FTD, 2004.
- LAURENS, Camille. Parenthèse(s). In : DURRENMATT, Jacques. (Org.). *La punctuation*. Besançon: La Licorne, 2000.
- LAURIA, Maria Paula Parisi. *A pontuação*. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1989. (Tópicos de linguagem)
- OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em Linguística Aplicada. In: *Rev. ANPOLL*, n.13, p. 105-121, jul./dez. 2002.
- SILVA, Anderson C. *A pontuação e os efeitos de sentido: um estudo sob o viés bakhtiniano*. Taubaté, 2009. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2009.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Editora Loyola, 2002.





VOLOSHINOV, V. N. *O discurso na vida e o discurso na arte*. Tradução para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. s.d.